

A dependência de Theotônio

Andre Gunder Frank

Theotônio das Santos — A Teoria da dependência: balanço e perspectivas,
Editora Civilização Brasileira

Com toda razão escreve Theotônio que considera “uma questão secundária (a de se) o criador da teoria da dependência fui eu (ele), Fernando Henrique ou Andre Gunder Frank”. Diria que não é ou não deveria ser questão alguma. Pois como alguma vez assinalou Gunnar Myrdal, todas as teorias econômicas surgem do momento político que gera sua necessidade, sua razão de ser. Assim o demonstra também Theotônio quando faz o seu bosquejo da década pré-guerra, que limitou o ingresso de divisas aos países latino-americanos e os obrigou a pôr em prática, com forte intervenção do Estado, uma política de substituição de importações. Assim fez a Argentina na prática quando Raul Prebisch era ministro de economia, bem antes de lançar a teoria pela Cepal em 1949. Além disso, tinha leve familiaridade no Brasil com Manoiliescu, mas como teórico, apesar de que ele foi também Ministro de Economia na Romênia. O que é muito duvidoso é se alguns dos acima

mencionados ou outros “criadores” da teoria da dependência na América Latina tinham alguma idéia que a Iugoslávia, Romênia, Bulgária, Grécia, Irã e Turquia, cada um por si, e os Balcãs, em concerto, adotaram esta mesma política estatista de substituição de importações e a defenderam teoricamente durante a mesma crise econômica dos anos 30, como bem o demonstra Dilek Barlas em seu livro sobre *Etatism & Diplomacie* na Turquia 1929-93 (Brill 1998)... Por certo, sua implementação foi também inibida por uma força econômico-política exterior que para eles foi a Alemanha Nazista, como na América Latina foram os Estados Unidos. Poderíamos nos perguntar por que sua experiência e teorização não alcançaram renome mundial tal como a da América Latina sobre a dependência. A resposta encontra-se facilmente ao inverter a pergunta: por que a popularidade da Dependência na América Latina e sua difusão pelo mundo? Theotônio não se questiona, mas fazê-

¹ Resenha traduzida por Ruth Elibath Pucheta.

lo é o mais essencial para entender de que tratou ou de que trata: como resposta, bastam duas palavras: Cuba e Vietnã.

Escrevo 'tratou' e 'trata' porque o número atual de uma das duas revistas norte-americanas mais prestigiosas sobre assuntos internacionais, *Foreign Policy* (novembro - dezembro 2002), é dedicado a "que aconteceu com ... marxismo, valores asiáticos, limites ao crescimento, teoria da dependência, destruição mútua assegurada (MAD) e o complexo militar-industrial". Fora reconhecer alguma vida ainda ao último, os demais, segundo os "cérebros notáveis" como o diretor da revista os chama, são pronunciados mortos (alguns antes de nascer) e bem localizados na lata de lixo da história. Ali eles me têm como dependencista. Fernando Henrique salvou-se, segundo dizem, por abandoná-la. Não deve surpreender a sentença, pois era de se esperar, não valia a pena terem-se dado ao trabalho de perguntar. O que sim chama a atenção é a desfiguração do tema, as más atribuições de argumentos e a ausência de evidência com os quais o doutor professor de Finança Internacional e Desenvolvimento, Andrés Velasco, da Universidade de Harvard, pronuncia a sentença de morte.

Theotônio faz o contrário em três ensaios escritos para audiências diversas e reunidos aqui, lamentavelmente sem muita revisão editorial para eliminar repetições ou construir um argumento único. Theotônio revisa a história da realidade recente, como ela exigiu a teoria da dependência em resposta a um regime teórico e às associadas políticas econômicas que já não tinham

mais fôlego, volta sobre algumas das discussões bem conhecidas pelos participantes e a geração de estudantes, políticos e gente comum para os quais tudo isso era o pão de cada dia.

Mas ainda assim parece que falta, pois várias vezes cada semana recebo infinidade de *e-mails*, esta semana do Nepal, de estudantes que não tinham nem nascido em "nossa época" e que agora me perguntam o que é isto da dependência e onde poderiam informar-se. Que bom, pois daqui em frente posso reenviá-los todos ao Theotônio. Além do que, ainda que não o faça neste livro, foi Theotônio quem há décadas chamou nossa atenção sobre termos que fazer nosso próprio estudo da economia mundial, como logo o fizera ele mesmo e eu também – pois não podemos confiar nos estudos econômicos elaborados pelos que a conduzem ao seu gosto, nem nos seus porta-vozes "teóricos", vale dizer ideológicos, como esse, dos quais é botão de amostra e prova esse senhor professor de Harvard com nome e sobrenome espanhol. Entretanto, ainda que não revise o mundo inteiro neste livro, as análises mundiais de Theotônio incidem e refletem-se no que volta a demonstrar-nos sobre a dependência. Também vale para responder aos cada vez mais críticos de nosso labor que não foi perfeito, mas ainda bastante melhorzinho que o de nossos críticos mesmos. Isto vale, para começar, para os críticos vindos da esquerda, que logo foram conduzidos a um beco sem saída como era o uso do conceito de modos de produção para explicar as formações sociais latino-americanas, e que nos acu-

saram de circulacionistas e de que teríamos nos esquecido da luta de classes. E, é claro, vale para os da direita que renunciaram morte à dependência (a ela mesma, não somente à teoria) precisamente na “década perdida” pela crise da dívida dos anos 1980.

Pois ainda muito mais do que o investimento estrangeiro, a crise da dívida externa (e interna – especialmente ligadas no Brasil) converteram os mesmos Estados da América Latina em instrumentos fieis e hábeis da finança internacional, que sugava – e ainda o faz – o sangue do povo para os bancos de Wall Street e para o Tesouro norte-americano. No México respondia-se aos de Washington que não podemos apertar mais o cinto, pois já não comemos ontem. E lembremos do *Fujishock* que sofreram os pobres peruanos quando escolheram Dom Alberto por que prometeu NÃO implementar a política do FMI que oferecia seu opositor Vargas Llosa. Nem bem presidente, fez pior do que Vargas Llosa tinha prometido fazer. Ou vejamos a pobre Argentina, que fora o país mais orgulhoso do Continente com a sociedade mais europeizante, agora destruído como nenhuma outra nação, fora a Rússia, pela dependência do dólar em si supervalorizado no mercado mundial. Se isto não é uma manifestação de dependência, senhor perito em finança internacional Velasco, agradeceria qualquer esclarecimento sobre o que sim poderia ser.

Theotônio dedica especial atenção ao nosso compadre da dependência, Fernando Henrique Cardoso. E com muita razão, não somente por serem ambos brasileiros,

e sim pelo mau exemplo que nos tem dado este último. Pois vem mudando de vocabulário várias vezes até chegar à presidência do Brasil e durante seus 8 anos de ofício que estão por terminar enquanto termino estas linhas. Mudando de vocabulário digo, mas não de caráter nem de política, como bem assinalou também Theotônio. De caráter, teve a gentileza comigo de ligar, sendo presidente, quando saí do hospital e de lembrar (e agradecer) em vários foros públicos por eu ter ido recebê-lo no aeroporto em Santiago de Chile, quando chegou para o exílio do golpe de 1964. Quanto à política, Theotônio não o diz, mas poderia tê-lo dito, como me recordeo FHC me disse em um hotel em Paris: eu sou socialdemocrata e um governo meu fará o que dentro da socialdemocracia possa se fazer, em especial no campo interno. E isto fez — bem, ou melhor, mal — em matéria de política agrária e social, onde fez bastante menos do que poderíamos ter esperado. Perguntem ao MST.

Uma das caricaturas mais absurdas que se fez dos dependentistas é a de que eles não consideravam as condições e relações “internas” de um país para enfocar somente uma pretensa dependência “externa”. Theotônio mostra que nossa tese foi mais do que contrária a este enfoque. Além do que, seria absurdo que os dependencistas não estudassem suas próprias sociedades, pois como também nota Theotônio, eles têm sido predominantemente sociólogos, como o próprio Fernando Henrique, que, antes de sê-lo do Brasil foi presidente da Associação Internacional de Sociologia.

Alguns historiadores como Simonsen e Bagú foram precursores do enfoque da dependência e depois outros poucos continuaram ; políticos havia poucos, e economistas quase nenhum, com exceção de mim e de três mais que se agregaram posteriormente, segundo me recordeo.

Mas o mais importante era, e é, que superaram-se estas distinções disciplinárias. Se fosse somente uma relação externa que nos retira parte do que produzimos — lembro de ter escrito alguma vez — poderíamos suportar. O centro do problema reside em como a dependência “externa” envolve igualmente as relações “internas” até o ponto em que forma as estruturas de classes e chega mesmo a quase determinar as políticas das camadas altas e médias – e com isto também das baixas... E o Brasil, desde Getúlio e Juscelino, Jango e os militares, e seus sucessores civis até Fernando Henrique, é por acaso o exemplo que mais claramente nos mostra e ensina esta cara interna da dependência. Theotônio passa em revista muitos deles em suas seções dedicadas ao Brasil.

Quanto ao “desenvolvimento dependente”, que FHC pronunciara factível já no exílio, sob sua capitania o dependente navio brasileiro navegou, mas bastante mal, e quase naufragou no mar global. Como qualquer outro socialdemocrata na América Latina, Europa ou Canadá, aplicou a mal definida política neoliberal. Pagou o serviço da dívida lealmente como qualquer um, apesar de ter financiado a dívida externa por uma interna baseada em taxas de juros de 60% para atrair fundos particulares, tanto nacionais como estrangei-

ros. Mas claro, com os únicos resultados que se podia esperar. Os que sabem jogar com juros tão altos, podem enriquecer ainda mais e tirar o seu dinheiro do país. Mas para o pobre industrial que precisa de empréstimos para começar ou continuar sua empresa e o emprego que dá, não há nem botes salva-vidas para ele e seus pobres operários e empregados. E com isto a taxa de crescimento diminui e o desemprego cresce.

Então FHC entrega o Brasil a Lula não somente em um estado deplorável mas muito pior do que tinha recebido, com uma dívida ainda maior e menos pagável ou manipulável com superávites comerciais e reservas menores, taxa de crescimento mais baixa, pobreza maior, como demonstra não somente Theotônio mas também a triste realidade palpável para qualquer um, tanto que o sucessor escolhido por FHC teve apenas 33% dos votos. Mais ainda, FHC deliberadamente assinou acordos recentes com o FMI que deixam Lula de mãos amarradas – e talvez os pés também. E isto antes que o vírus Argentino invada o Brasil e o cassino ‘capital especulativo’ saia de uma só vez, deixando o Brasil no fundo do poço. Lembremos como um presidente mexicano ajeitou da mesma forma para que a crise financeira se postergasse até explodir no primeiro mês do mandato de seu sucessor. Neste caso, vale a comparação com o Chile dos Chicago Boys, que impuseram o controle estatal sobre a entrada e a saída do dinheiro, como também o fez a Malásia e a Bielorrússia – e a Iugoslávia sob Milosevic – todos na lista dos falidos do FMI, mas

que pelo menos ofereceram alguma proteção às suas populações. Nada disto fez FHC no Brasil, campeão mundial não somente no futebol e sim também na desigualdade da distribuição de renda. Do pão e circo dos romanos, o sambódromo e o futebol podem garantir o circo. Mas onde está o pão de cada dia ou a sobrevivência de jovens que, nas ruas, morrem mais fuzilados do que acidentados? Ele entregou também a soberania do Brasil aos norteamericanos ao lhes permitir negar entrada a brasileiros na sua base de foguetes no Maranhão – em troca de quê?

Freqüentemente me perguntam, e talvez a Theotônio e até a Fernando Henrique também, o que penso agora da dependência, dos acertos e dos erros que cometemos. Quanto ao primeiro destes erros diria: é que pensávamos que nossas concepções da dependência se diferenciavam muito mais do que agora. Afortunadamente nossas discussões – e críticas a mim escritas por Theotônio, e por mim a ele, a Fernando Henrique, a José Serra (este mesmo que como seu candidato para segui-lo na presidência tirou apenas 33% dos votos contra os 61 de Lula), a todos nós sempre incluindo Rui Mauro Marini – serviram menos para afastar que para obrigar a cada um de nós a fazer seus argumentos mais sólidos – e mais próximos aos demais. E nunca houve uma diferença tão grande. Ao analisar a realidade da dependência, antes que qualquer coisa, cada um acrescentou-se um ou outra observação a um conjunto complexo que forma a dependência que continuava crescendo, não somente em nossas descrições, mas lamen-

tavelmente também na nossa realidade. E apesar de que eu ultimamente tenha-me ocupado da história mundial e não da dependência latino-americana, dou-lhe agora uma olhada de longe, e vejo somente que ela tem crescido e se fortalecido cada vez mais. É o que nos é revelado muito mais através dos fatos – e daquilo que NÃO foi feito ou deixado de fazer, porque não se pode ou porque se disse que não se pode – como freqüentemente o faz o nosso amigo Fernando Henrique. Ou seja, a dependência está viva e bem viva. Mas como dissera um presidente general do Brasil, o Brasil está bem, mas o povo não.

Agora bem, há de colocar-se outra pergunta maior: que política seguir contra a dependência para acabar com ela e o subdesenvolvimento que desenvolve? Aqui discutimos e discrepamos ainda mais – mas só aparentemente. Porque a triste verdade é que nenhum de nós, nem os políticos, fomos capazes de dar uma resposta válida, vale dizer, uma resposta que tenha apresentado resultados ou que possa apresentá-los hoje. Muito menos nos colocamos a pergunta “e depois, o que fazer”? Aqui reside a debilidade do livro de Theotônio. Não é a de não responder esta pergunta que não tem resposta, e sim a de não colocá-la. Porque ao não colocarmos a pergunta de como realmente se DES-dependentizar, o que significaria fazê-lo, ao menos o que fazer depois, deixamos de ir ao centro do problema. E não vemos quanto nos enganamos. Não que nossos antagonistas e inimigos tenham oferecido respostas melhores. Também não dizem a verdade de como acabar real-

mente com a dependência, nem como acabar com a pobreza, alienação e, que segundo eles, nem sequer deriva de uma dependência que segundo eles não existe. É claro que muito mais equivocados não poderiam ter estado os que voluntariamente deixaram-se levar pelo “acordo de Washington”. E se não fosse tão horrorosa poderia parecer divertida a escusa que oferecem, esta que a medicina do Dr. Washington por certo era a correta, e de que o problema reside somente que os pacientes – e o quão pacientes eram e ainda o são – não a tomaram em quantidades suficientes. O Secretário do Tesouro norte-americano O’Neill (hoje o demitiram) foi embora da Argentina alegando isso mesmo, e enviou a mesma mensagem ao Brasil. Mas anteriormente o “reajuste” de aumentar as doses do mesmo remédio, foi aplicado na Rússia e na Europa Oriental, na década de 90, e no Sudeste da Ásia, depois de 1997, previsivelmente com resultados mais desastrosos, literalmente a destruição de suas sociedades. Resultados ainda mais terríveis que na América Latina, exceto o caso da Argentina.

Poderíamos examinar alguns casos do Leste da Ásia, onde por circunstâncias distintas algumas políticas de desenvolvimento estão tendo resultados, ou a Europa do Leste onde em essência tem-se repetido o mesmo drama da América Latina, sempre com os mesmos sócios e conselheiros. Mas como Theotônio não toca nesta parte da temática da dependência, também não irei fazê-lo eu, pelo menos aqui. Os que quiserem,

podem ver os meus escritos a respeito na minha página pessoal, seções 5 e 7 sobre a atualidade 1 em csf.colorado.edu/agfrank/ E Theotônio? Coloca ensaios de análise econômico-política na rede cada semana, mas não estão neste livro. Por sorte até agora tem-se limitado, na maioria das vezes, à análise, que é o lado forte do Theotônio. Nos conhecemos em 1963 em Belo Horizonte e depois na UNB onde foi aluno meu, depois no México e no Chile onde era meu chefe. Numa coisa não mudou, ou será que sim, agora em época de Lula? Nunca me esquecerei do comentário do meu filho Miguel ao sair de uma conversa com Theotônio em uma livraria de Washington DC. “Que magnífica sua análise, disse, mas não tem nenhuma relação com suas conclusões otimistas”. De fato, a morte do bem lembrado Ernesto Mandel promoveu Theotônio ao cargo de otimista número um do mundo. Este livro, escreve em seu prólogo, “é mais do que uma contribuição nesta luta dos povos colonizados e dependentes e que passa profundamente pela luta ideológica”. Pergunto-te, meu querido Theotônio, temo-la levado faz décadas – e olha onde tem nos conduzido?

E agora o pobre Lula fica com um atraso de anos-luz antes mesmo de tomar o governo – mas não o poder- como costumava dizer Salvador Allende. Um atraso em relação aos nossos sonhos e às realidades, que conhecemos e combatemos nesta luta por explicar a dependência, como nos mostra também Theotônio neste livro.

Andre Gunder Frank